

# O Seahawk

Os navios de outrora eram os mais nobres navios,  
Velejavam pelo grande e imenso mar;  
Os capitães e a tripulação a bordo deles  
Eram fiéis, dignos e provados, ninguém pode negar.

O navegador os mantinha no caminho certo,  
Com nada mais do que as estrelas para os guiar.  
Levantava a gola e assim no frio era coberto;  
Orion e Marte presentes para os acompanhar.

Carregados gentilmente pela brisa de Deus,  
Em todo tipo de embarcação saíam a velejar.  
Determinados e corajosos não se esquivavam a navegar  
Em águas profundas, tempestades ou vagalhões no mar.

São muitas as histórias que até hoje ouvimos,  
Mas nenhuma, ousou dizer, faria bravos marinheiros orar,  
Nenhuma é tão impressionante como esta  
Como a do navio pirata que vou lhes contar.

“Venha já aqui, rapaz!” gritou o velho Craig.  
Rapaz? Este sou eu. Thomas ... Thomas Craig, um rapaz  
de dezesseis anos. Havia sido enviado para viver com o  
meu tio, Capitão Joseph T. Craig, depois da morte dos

meus pais. Ele agora era o único parente que eu tinha.

As pessoas no povoado achavam que o capitão era um homem de posses, e podia muito bem valer uma fortuna em ouro, mas ele ou o tinha escondido em algum lugar ou perdido para os temidos bucaneiros que assombravam aquelas águas misteriosas. Mas se isto fosse verdade, não me cabia saber, porque ele levava uma vida frugal e esperava o mesmo de mim.

O Capitão Craig era um homem do mar que nunca pensou em casar-se e muito menos cuidar de um rapazinho como eu. O velho homem havia passado a maior parte da vida no mar e raramente em casa, e quando estava em casa certamente não era caloroso e amável comigo como um pai seria. O Capitão Craig estava acostumado a viver sozinho e não era muito hospitaleiro nem de muita conversa, mas então, eu nunca esperei realmente que um velho marinheiro como o tio fosse entender as coisas de um rapaz. Muitas vezes sentia que a minha juventude era uma intrusão das piores ao seu estilo de vida tão rígido, apesar de que, tenho certeza, ele fez o melhor que podia para colocar um teto sobre a minha cabeça e me dar o pão de cada dia. Eu reconhecia que lhe devia minha gratidão por me receber depois da doença que levou os meus pais; portanto, determinei-me a retribuir-lhe a gentileza algum dia, de alguma forma.

“Juro que vou desfalecer antes de você terminar de colocar as coisas na mesa, rapaz!” protestou o velho lobo do mar.

Enquanto o capitão ficava no mar, eu geralmente me encontrava sozinho para cuidar daquele casebre lúgubre que o tio Joseph e eu chamávamos de lar. Aprendi a fazer uma comida comestível para nós dois, e cuidava da casa o melhor que sabia. Nosso chalé rústico de pedra ficava perto do burburinho da vila de pescadores, pois ali era o refúgio no qual o Capitão Craig gostava de passar o inverno.

O chalé simples e escassamente mobiliado deixava claro a falta do toque que uma “Tia Craig” teria dado ao lugar. Barômetros, remos e outras parafernâlias do tipo, coisas de navio, enchem a sala principal. A grande lareira provia o aquecimento necessário para o inverno e luz para a noite, e era praticamente a única coisa que dava um toque mais aconchegante ao lugar.

Aquela noite, quando nós dois nos sentamos frente à nossa frugal refeição, o clangor dos navios e o cantar das gaivotas ao longe eram os únicos sons que quebravam o silêncio.

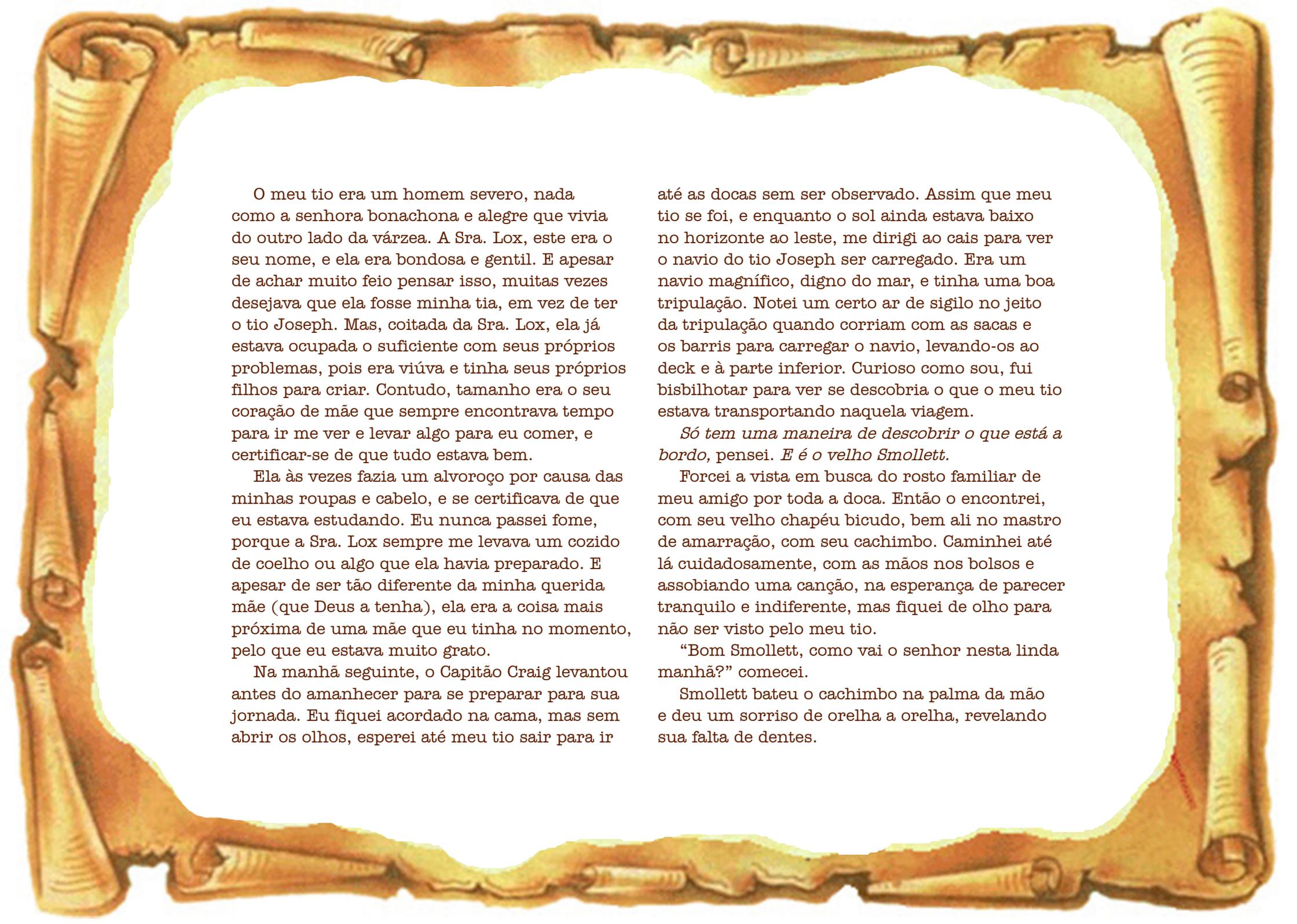
Finalmente o velho homem fez uma pausa enquanto comia. Olhando por entre suas sobrancelhas grossas e cerradas anunciou em tom solene: “Thomas, vou velejar amanhã para Açores. A Sra. Lox vai

cuidar de você e visitá-lo de vez em quando, então quero que cuide dos seus modos e não se meta em encrenca!”

“Mas tio,” comecei. “Eu não poderia ir com o senhor para o mar desta vez? Eu ...”

A resposta do capitão foi rápida e severa. “Thomas, já discutimos isto antes. O mar não é lugar para um rapaz! É isso que você é, um rapaz. Ora, você nunca passou sequer um dia no mar, e ele é louco e insolente, isso sim. Você ia ficar sem estômago em alto mar, ou até mesmo coração. Não, não, não, não, você vai ficar aqui mesmo em terra seca, isso mesmo, e ponto final!”





O meu tio era um homem severo, nada como a senhora bonachona e alegre que vivia do outro lado da várzea. A Sra. Lox, este era o seu nome, e ela era bondosa e gentil. E apesar de achar muito feio pensar isso, muitas vezes desejava que ela fosse minha tia, em vez de ter o tio Joseph. Mas, coitada da Sra. Lox, ela já estava ocupada o suficiente com seus próprios problemas, pois era viúva e tinha seus próprios filhos para criar. Contudo, tamanho era o seu coração de mãe que sempre encontrava tempo para ir me ver e levar algo para eu comer, e certificar-se de que tudo estava bem.

Ela às vezes fazia um alvoroço por causa das minhas roupas e cabelo, e se certificava de que eu estava estudando. Eu nunca passei fome, porque a Sra. Lox sempre me levava um cozido de coelho ou algo que ela havia preparado. E apesar de ser tão diferente da minha querida mãe (que Deus a tenha), ela era a coisa mais próxima de uma mãe que eu tinha no momento, pelo que eu estava muito grato.

Na manhã seguinte, o Capitão Craig levantou antes do amanhecer para se preparar para sua jornada. Eu fiquei acordado na cama, mas sem abrir os olhos, esperei até meu tio sair para ir

até as docas sem ser observado. Assim que meu tio se foi, e enquanto o sol ainda estava baixo no horizonte ao leste, me dirigi ao cais para ver o navio do tio Joseph ser carregado. Era um navio magnífico, digno do mar, e tinha uma boa tripulação. Notei um certo ar de sigilo no jeito da tripulação quando corriam com as sacas e os barris para carregar o navio, levando-os ao deck e à parte inferior. Curioso como sou, fui bisbilhotar para ver se descobria o que o meu tio estava transportando naquela viagem.

*Só tem uma maneira de descobrir o que está a bordo, pensei. É o velho Smollett.*

Forcei a vista em busca do rosto familiar de meu amigo por toda a doca. Então o encontrei, com seu velho chapéu bicudo, bem ali no mastro de amarração, com seu cachimbo. Caminhei até lá cuidadosamente, com as mãos nos bolsos e assobiando uma canção, na esperança de parecer tranquilo e indiferente, mas fiquei de olho para não ser visto pelo meu tio.

“Bom Smollett, como vai o senhor nesta linda manhã?” comecei.

Smollett bateu o cachimbo na palma da mão e deu um sorriso de orelha a orelha, revelando sua falta de dentes.

“Ei, com certeza é uma linda manhã, meu jovem Thomas, e estou muito contente. Mas, diga-me cá uma coisa, rapaz, o que o trás aqui às docas.” Seus olhos se aguçaram. “E me diga mais, por que não está se preparando para ir à escola?”

“E ... eu vim ver o meu tio partir, e lhe desejar uma boa viagem”, respondi.

“Claro!” respondeu Smollett, seus olhos demonstrando que não tinha engolido aquela. “E desde quando o velho teve uma mudança assim de coração?” Smollett conhecia Joseph Craig muito bem, ele sabia que o capitão não teria me deixado ir até as docas e perder o meu tempo.

“Olha Thomas, meu jovem impetuoso, me diga, francamente, o que o trouxe até aqui enquanto o navio de seu tio ainda está atracado nas docas.” Smollett olhou no fundo dos meus olhos e deu um sorriso perspicaz de quem havia entendido a minha motivação. Fiquei feliz por não poder esconder do velho Smollett.

Edward Smollett, antes um marinheiro bem habilidoso, se deparou com problemas no mar que o deixou sem três dedos na mão, manco e com o trabalho de estivador. Eu gostava de ouvir as histórias que os velhos marinheiros costumavam contar, embora acredite que o velho Smollett gostava ainda mais de as contar do que eu de ouvi-las.

Respondi numa voz que era quase um sussurro. “Sabe, meu bom amigo” — Smollett se inclinou na minha direção para ouvir— “Eu meio que queria saber o que estão levando das docas para carregar o navio de meu tio, e pensei que, se alguém sabe o que é, seria o senhor.”

“É, eu saberia mesmo,” respondeu Smollett. “Sei bem com o que estão carregando o navio, mas não sei onde

estão indo. Mas jurei sigilo justo ao seu tio. E como sou um homem de palavra, apesar de alguns não pensarem isto, não posso quebrar a minha palavra.

“Olha, jovem Thomas, pegue esta moeda e saia daqui antes que seu tio nos veja a ambos desperdiçando tempo, e fiquemos ainda pior na história toda!”

Portanto, resolvi tirar aquilo da minha cabeça ... pelo menos naquele momento. Mas uma coisa que eu não perderia, nem mesmo por uma moeda, era ver o navio de meu tio, o Seahawk, desatracar majestosamente rumo ao alto mar com suas velas soprando ao vento como o peito de um pássaro orgulhoso.

*Um dia, pensei, ainda vou provar que posso ser marinheiro.*



# OS BUCANEIROS

Naquela mesma noite, num canto mal iluminado do Jackal, uma taberna enfumaçada, recanto de bucaneiros e bárbaros mais impiedosos que já cruzaram os mares, sentaram-se três camaradas de má reputação. Lá, sem o conhecimento do Capitão Craig, faziam planos perniciosos com relação ao *Seahawk* e sua tripulação; pois sabiam que levavam uma carga preciosa.

Briggins, o mais robusto e durão dos três, falou rispidamente com os outros dois homens. “Olha, camaradas, vocês me ouviram bem! Tem ouro nas sacas de grãos! Agora mesmo o Capitão Craig está velejando de vento em popa, rumo ao sul, para o Mediterrâneo. Atracará no Porto de Lisboa em Portugal, e ficará atracado por três dias. Digo que vamos logo para Açores, e lá atacamos o velho e pegamos o ouro!

Velejamos para as ilhas antes do *Seahawk*, e esperamos lá por eles. Assim que tomarmos o navio, dividimos o despojo entre nós três, fazemos um rombo no barco e acabamos com o assunto! O que me dizem, seus velhacos miseráveis?”

Bartlett, um homem pálido, macilento, sem olho, enrugou o rosto num horrendo sorriso amarelo. E então, aproximando-se lentamente disse numa voz rouca e baixa, “O plano me parece bem recompensador,

mas não vamos estragar o *Seahawk*. É um ótimo navio e gosto dele. Tenho os meus próprios planos para ele. Quero ir para o Caribe, o paraíso pirata, e preciso de um navio forte para a empreitada.”

“O que me diz disto, McGuire?” perguntou Bartlett.

“Pode ficar com o navio, eu fico com o ouro!”

respondeu McGuire com uma risada sinistra que daria um frio na espinha de qualquer um que ouvisse.

“Digo que façamos um brinde ao mar que, na sua provisão, nos dá as riquezas dos outros!” exclamou Briggins.

E com isto levantaram os copos ao alto e fizeram um brinde.



## A ORAÇÃO DE UM RAPAZ

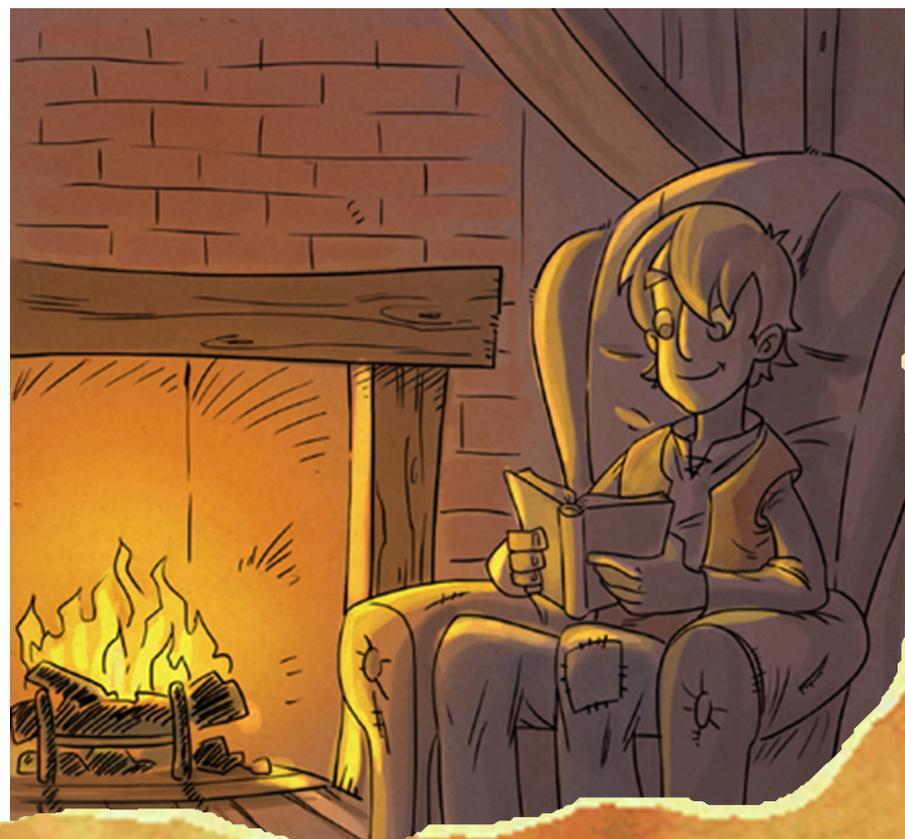
Em casa, no chalé de meu tio, deixei os estudos de lado e comecei a folhear a Bíblia que havia pertencido ao meu pai e mãe. Além da velha Bíblia, meu pai não havia me deixado muito mais a não ser minha herança cristã, apesar de que não devemos nos esquecer que uma criação cristã vale mais do que ouro ou prata.

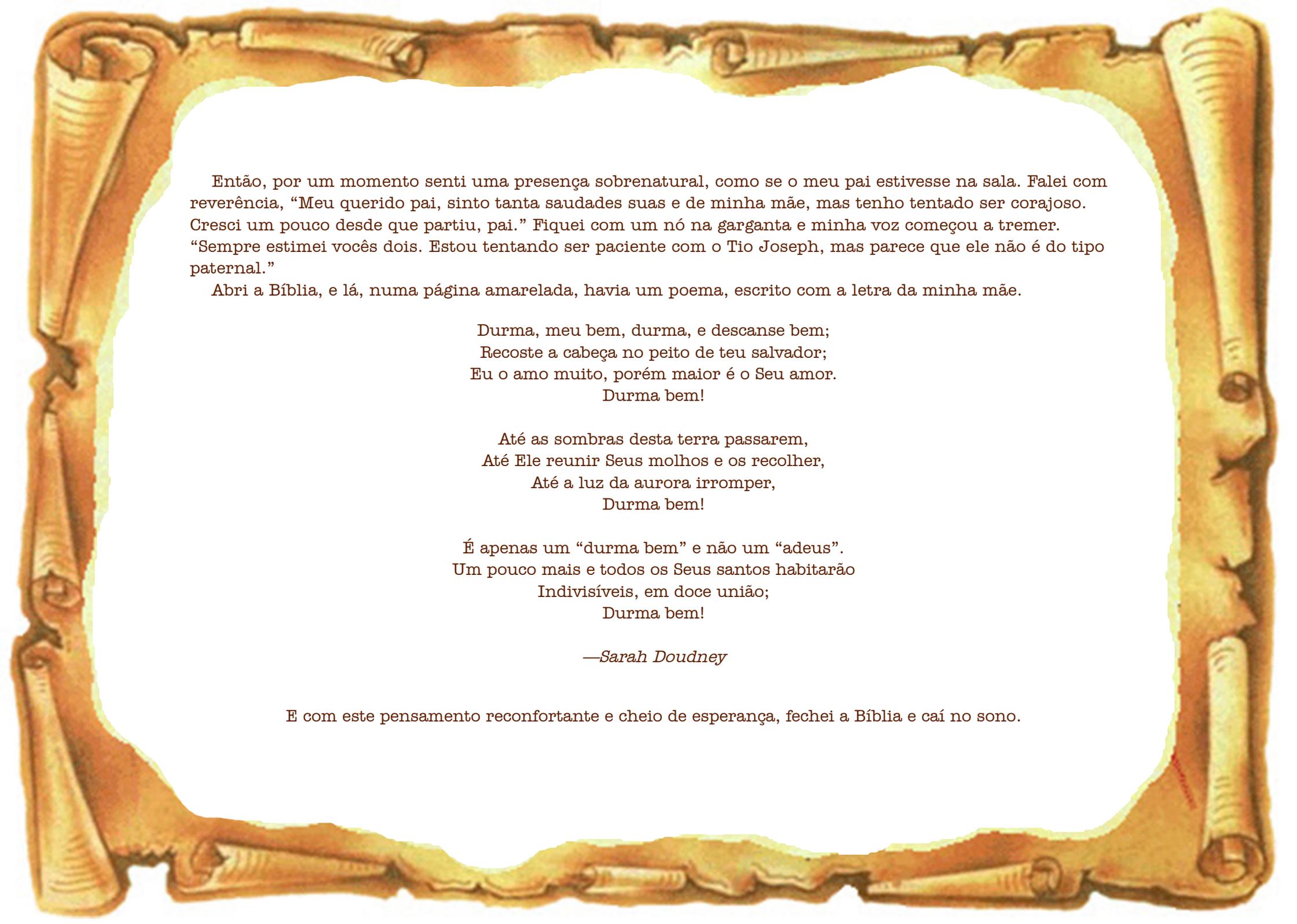
Sentando em frente ao fogo, observando encantado as chamas que dançavam alegremente na lareira, lembrei-me das noites em que meu pai se sentava e lia minhas histórias favoritas para mim ao lado da lareira em nossa casa. Sentia uma imensa saudade de meus pais, mas entre as páginas daquele livro velho e gasto, queimavam chamas ardentes de esperança, pois continham a promessa da vida eterna. Eu acreditava que voltaria a estar com minha amada mãe e meu amado pai na vida após esta, mas até lá estava determinado de coração a permanecer fiel aos ensinamentos da fé cristã que eles me haviam passado quando criança.

Enquanto ponderava essas coisas, comecei, quase que imperceptivelmente, a pronunciar uma oração. Lembro-me que falei como alguém falaria com um amigo. Tão natural foi o tom da minha voz que Red, o setter irlandês do tio Craig, que se esquentava ao

lado do canto da lareira, levantou as orelhas como se buscasse o capitão perguntando-se se por acaso ele haveria voltado inesperadamente.

“Querido Senhor,” orei, “Não entendo por que permitiu que essas coisas me acontecessem na vida. A perda de meus pais me parece tão grande. Contudo, na Sua Palavra, Senhor, Você disse que ‘todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus’”.





Então, por um momento senti uma presença sobrenatural, como se o meu pai estivesse na sala. Falei com reverência, “Meu querido pai, sinto tanta saudades suas e de minha mãe, mas tenho tentado ser corajoso. Cresci um pouco desde que partiu, pai.” Fiquei com um nó na garganta e minha voz começou a tremer. “Sempre estimei vocês dois. Estou tentando ser paciente com o Tio Joseph, mas parece que ele não é do tipo paternal.”

Abri a Bíblia, e lá, numa página amarelada, havia um poema, escrito com a letra da minha mãe.

Durma, meu bem, durma, e descanse bem;  
Recoste a cabeça no peito de teu salvador;  
Eu o amo muito, porém maior é o Seu amor.  
Durma bem!

Até as sombras desta terra passarem,  
Até Ele reunir Seus molhos e os recolher,  
Até a luz da aurora irromper,  
Durma bem!

É apenas um “durma bem” e não um “adeus”.  
Um pouco mais e todos os Seus santos habitarão  
Indivisíveis, em doce união;  
Durma bem!

—*Sarah Doudney*

E com este pensamento reconfortante e cheio de esperança, fechei a Bíblia e caí no sono.

# OS DOIS SONHOS

Naquela noite, assim que me deitei comecei a sonhar. No sonho via o meu Tio Craig no convés do *Seahawk*, saboreando uma xícara de chá e comendo biscoitos, contente e sem perceber que seu navio ia rumo a um redemoinho que estava prestes a engoli-lo. A situação tão incomum teria sido cômica para um jovem rapaz, se não fosse tão grave.

Eu estava na beira da praia acenando desesperado e gritando para o meu tio. Ele, porém, não notou minha advertência em meio à grande tempestade que se formava. Foi então, quando o navio estava prestes a naufragar no imenso abismo rodopiante que acordei assustado. Sentei-me na cama pingando de suor.

*Que sonho mais estranho, pensei comigo mesmo. Deve ser porque estou ansioso demais com relação ao meu tio. Mas tenho certeza que o velho marinheiro saberá cuidar de si mesmo. É melhor me deitar e tentar dormir e descansar, em vez de ficar me preocupando com um sonho e toda essa bobagem.*

Voltei a deitar-me e, mal caí no sono, tive um sonho estarrecedor. Desta vez o meu pai aparecia, apenas da cintura para cima, e acima da lareira. Ele me disse em tom solene que o meu tio estava em grande perigo.

“Thomas, você tem que encontrar o seu tio e ajudá-lo,” disse meu pai.

“Mas como vou encontrá-lo?” indaguei. “Não conheço o mar, e não tenho dinheiro para comprar sequer uma galinha poedeira, muito menos partir numa viagem aos Açores para procurá-lo.”

Meu pai então levantou um mapa antigo e desgastado em suas mãos e disse a seguinte charada:

“Pegue este mapa e o estude bem,  
Pois um segredo ele contém.  
Descobrirá o rumo que deve tomar  
Que sua dobradura está a encerrar.”

Com isto, desapareceu lentamente de vista e o sonho acabou.

Quando acordei na manhã seguinte estava preocupado com os dois sonhos e me perguntava o que significariam, mas temia contar o que havia sonhado; o que os outros pensariam de mim?

Passaram-se várias semanas e eu, tendo escolhido ignorar o assunto em vez de encará-lo, me esqueci completamente dos sonhos. Foi então que certa noite enquanto me dedicava aos estudos, ouvi alguém bater na porta. Era na verdade uma batida bem forte, mas do que uma mera batida, demonstrava urgência.



Corri até à pesada porta de madeira da sala e perguntei, “O que deseja, bom peregrino?”

Ao que o homem na porta respondeu, “Não sou peregrino coisa nenhuma, mas conhecido teu, Thomas.”

Reconhecendo a voz, abri a porta, e lá estava Smollett, praticamente sem fôlego e bastante pálido.

“Thomas, meu rapaz,” começou. “Acabei de ter notícias de que houve problemas com os bucaneiros que andam rondando essas águas.”

Estremeci e fiquei mal com as notícias, de modo que me joguei numa cadeira. Eu sabia que deveria contar a alguém sobre os meus sonhos.

“Caro Smollett, venha, sente-se aqui, pois tenho algo bastante estranho para lhe contar e que deve ouvir atentamente,” disse.

Depois de haver contado tudo a Smollett, o velho marinheiro recostou-se maravilhado.

“Mas então, Thomas, por que não contou isto antes?” perguntou.

“Não podia crer que alguém acreditaria em mim, temi que me dessem por louco,” expliquei.

Smollett olhou para mim com pena e respondeu, “Há muita coisa neste nosso mundo que parece loucura, meu jovem Thomas, mas a fé simples de um jovem de crer no invisível não faz parte dessas coisas. Diga-me, onde está o mapa do qual seu abençoado pai falou?”

Corri o mais que pude, feito lebre, para pegar o mapa de meu tio e logo o abri sobre a escrivaninha.

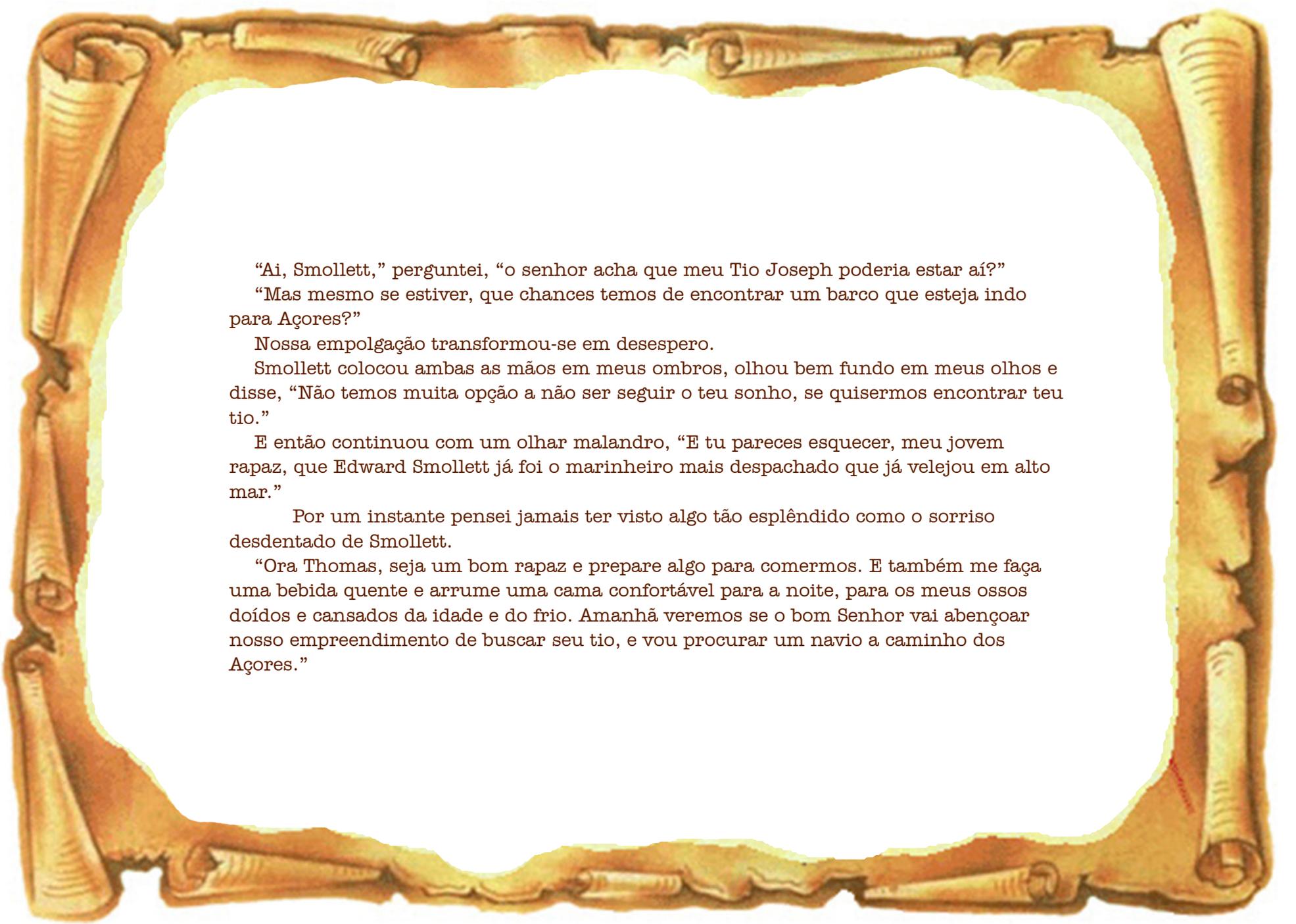
Smollett passou os dedos no bigode grisalho e repetiu pensativamente em voz alta para si mesmo,

“Pegue este mapa e o estude bem,  
Pois um segredo ele contém.  
Descobrirá o rumo que deve tomar  
Que sua dobradura está a encerrar.”

“Ora, o que o senhor acha que significa ‘que sua dobradura está a encerrar’?” perguntei.

Smollett então exclamou incrédulo. “Thomas, veja isto! As dobraduras do mapa estão exatamente nesta pequena ilha, parte dos Açores, onde seu tio estava da última vez que se ouviu falar dele!”





“Ai, Smollett,” perguntei, “o senhor acha que meu Tio Joseph poderia estar aí?”

“Mas mesmo se estiver, que chances temos de encontrar um barco que esteja indo para Açores?”

Nossa empolgação transformou-se em desespero.

Smollett colocou ambas as mãos em meus ombros, olhou bem fundo em meus olhos e disse, “Não temos muita opção a não ser seguir o teu sonho, se quisermos encontrar teu tio.”

E então continuou com um olhar malandro, “E tu pareces esquecer, meu jovem rapaz, que Edward Smollett já foi o marinheiro mais despachado que já velejou em alto mar.”

Por um instante pensei jamais ter visto algo tão esplêndido como o sorriso desdentado de Smollett.

“Ora Thomas, seja um bom rapaz e prepare algo para comermos. E também me faça uma bebida quente e arrume uma cama confortável para a noite, para os meus ossos doídos e cansados da idade e do frio. Amanhã veremos se o bom Senhor vai abençoar nosso empreendimento de buscar seu tio, e vou procurar um navio a caminho dos Açores.”

# FRANCES LOX

Passaram-se vários dias e não tive nenhuma notícia de Smollett. Porém orava pela segurança de meu tio e Smollett sempre que pensava neles.

Sei que a Sra. Lox se preocupava comigo ao pensar que me tornara órfão não apenas uma vez, mas agora pela segunda vez, dada as circunstâncias. Ela queria me visitar com mais frequência, mas tinha cinco filhos para cuidar e todo o trabalho da casa para fazer, pois como mencionei anteriormente, ela era viúva. Sua filha mais velha, Frances, tinha agora quinze anos e era uma grande ajuda para sua mãe.

Frances era uma moça adorável, com cabelos longos, que esvoaçavam ao vento e olhos de um azul penetrante. Quando ria, seus olhos se iluminavam e brilhavam como a luz da lua refletida no mar. Sua força interior ajudava a pobre Sra. Lox em seus momentos difíceis.

Nos dias que se seguiram, a Sra. Lox estava ocupada fazendo queijo e não podia deixar a fazenda, de modo que enviou Frances para me levar alguns bolos frescos e um pouco de queijo cheddar.

Quando Frances chegou à porta da frente com seu embrulho de provisões, eu tinha acabado de cortar lenha nos fundos do chalé.

“Bom dia!” disse Frances nas pontas dos pés enquanto olhava curiosa pela janela da frente. “Ó de casa!” falou.

Dirigi-me para a varanda da frente e a saudei, “Oi, como posso ajudá-la, minha cara amiga?”

Dei um susto tão grande em Frances que ela soltou um grito e deixou a cesta cair, derramando o queijo e os bolos no chão. Os olhos azuis de Frances brilharam ao me repreender. “O que você pensa que está fazendo, assustando uma garota deste jeito? Quer me matar de susto?”

Corei de vergonha.

“Sinto muito, senhorita,” desculpei-me. “Não tinha intenção de assustá-la.”

Frances continuou. “Olha só o que você me fez fazer. Derrubei todos os bolos e o queijo no chão e estraguei tudo.”

“Olha, não tem problema! Não tem mesmo,” a assegurei ao ajudá-la a pegar os bolos e o queijo e colocá-los de volta na cesta. “Estou muito agradecido por eles. E, além disso, já comi coisa pior, sabe. Você tinha que provar a comida do meu tio. Faz com que esses bolos, sujos como podem estar, pareçam maná do céu.”

Isto a fez rir.

“Sinto muito,” disse Frances se desculpando. “A minha mãe me enviou para consolá-lo e sinto não ter feito isso.”

“Pelo contrário,” respondi. “Meu dia está muito melhor depois de vê-la.”

Agora foi a vez de Frances corar.

“Ora ... acho ... acho que devo mesmo voltar para casa,” disse Frances, tentando esconder que estava sem graça. “Minha mãe é muito ocupada e precisa de minha ajuda.”

Percebendo que eu a havia deixado sem jeito, logo perguntei, “Mas você vai voltar? Eu ... eu...”

*Pense, Thomas, pense!* Disse para mim mesmo.

“Tenho ovos que gostaria de mandar para sua mãe. Poderia voltar para pegá-los e levar para ela por mim? Ela nunca os aceitaria das minhas mãos, você sabe.”

A Frances parecia gostar de mim, mas não estava acostumada com a atenção.

“Vou perguntar à minha mãe se ela me deixa voltar aqui esta semana,” disse. “Até então, passe bem, Thomas Craig.”

A partir desse momento comecei a me sentir diferente. Um sentimento estranho tomou conta de mim, como um frio na barriga. Eu não sabia explicar, apenas que tinha algo a ver com Frances Lox.

*Ela com certeza é uma linda donzela, pensei, e mudou muito desde a última vez que a vi.*





## A BUSCA SE INICIA

Poucos dias depois do ocorrido com Frances Lox, Smollett voltou com boas notícias. Ele havia encontrado um navio partindo para Açores. O capitão era um velho amigo, e alguns homens da tripulação ficaram doentes, então ele precisava de ajuda. Não era um plano fácil, porque ninguém sabia o que tínhamos em mente. Mas a nossa fé e determinação era inabalável. E agora que fazíamos parte do *Albatross*, rumo aos Açores, nossos espíritos animaram.

Na manhã seguinte Smollett me acompanhou até as docas para me apresentar ao navio do tesouro, o *Albatross*. Não era o que eu esperava. O navio era pequeno e precisando muito de reparos, coisa que Smollett insistiu ser “de pouca importância, e apenas superficial.”

“Atrás do exterior grosseiro que vê aqui, jovem Thomas, tem uma linda e boa embarcação que, com a ajuda de Deus e de seu pai, nos levará ao seu tio,” declarou Smollett confiante.

O navio era velho, encrustado de cracas, e os aposentos pequenos e inadequados. Depois de duas semanas de trabalho conseguimos aprontá-lo para desbravar o mar. Com todas as provisões a bordo e bons ventos para nos carregar, o *Albatross* finalmente estava pronto para içar velas e partir para os Açores.

O meu sonho de ir para o mar finalmente se tornava uma realidade, e à medida que os dias se passavam, eu me acostumei cada vez mais ao balanço e cadência da embarcação. O mar estava favorável para aquela pequena embarcação na sua viagem desde a Grã Bretanha até às pequenas ilhas no meio do Atlântico.

Podia ver que Smollett era um marinheiro experiente com quem eu poderia aprender muito. Ele me ensinou a usar o sextante, a bússola, e outras ferramentas de navegação que mantinham o navio em curso. Fazia tempo que eu queria partir para o alto mar, mas o peso da grande responsabilidade que Smollett e eu havíamos assumido pesava bastante em meu jovem coração, pois havia muito em jogo.

Smollett esperava que eu trabalhasse como um marinheiro experiente, e eu estava ansioso para aprender os meus ofícios. Subi nos mastros e aprendi a cuidar das velas e das armações. Esfregava o convés e transportava água.

Aprendi a medir a velocidade do navio contando o tempo com que os nós, amarrados na ponta de uma corda comprida em certos intervalos, passavam pela minha mão enquanto o navio velejava. Aprendi sobre as correntes do oceano e o vento que batalha sempre conosco para nos tirar do nosso curso. Minha confiança como marinheiro crescia ao passo que eu aprendia os segredos do mar, e agora estava certo que não tardaria muito para chegarmos às ilhas.

Eu ficava cada vez mais ansioso com as poucas perspectivas de encontrarmos meu tio. Mesmo se encontrássemos o Capitão Craig, e aí? Tais pensamentos me assombravam, mas continuei me lembrando que tinha sido Deus que enviara o meu pai a mim em sonho e que estávamos apenas obedecendo à orientação do Espírito. Contudo, a ideia de fazer isto já batalhava contra a razão de tal maneira que só me restava descansar nas promessas que havia recebido. As circunstâncias eram tão sérias que passei a depender mais do que nunca do tempo que passava a sós para ouvir a voz mansa e delicada do Senhor e confiar que tudo estava bem e em Suas mãos.

Naquela noite, surgiu um vento feroz do oeste como que do nada. Nossa modesta embarcação foi lançada de um lado para outro com tamanha fúria que saímos do nosso curso e não conseguimos ver nem as estrelas nem o sol por três dias. Navegávamos apenas pelos aparelhos, e finalmente conseguimos encontrar abrigo em uma pequena ilha. A baía, da ilha de Corvo, provou ser calma o bastante para nos permitir encarar a tempestade, de modo que ancoramos, gratos por não termos mais que batalhar em mar aberto.



Na manhã seguinte a tempestade persistia de tal maneira em sua fúria que o capitão decidiu esperar na baía até podermos prosseguir viagem em segurança. Eu sabia que a decisão do capitão era sensata, mas a minha impaciência em encontrar o meu tio não me permitia descansar como a tripulação e Smollett.

Coloquei minha capa de chuva e fui até o parapeito do navio. Havia alguns poucos navios atracados no cais, os quais também eram maltratados com a tempestade impenitente. Enquanto estava ali no convés, observando a chuva torrencial que caía como uma grossa cortina, um relâmpago chamou a minha atenção para algo maravilhoso. Fiquei atônito ao ver um navio entre aquela massa d'água e neblina que parecia ser o *Seahawk*! *Será que eu estava maluco, ou seria verdade?*

Mais um relâmpago confirmou minha impressão inicial. Esfreguei meus olhos descrentes, e quase perdi o fôlego no meio daquele aguaceiro! Era sem dúvida o *Seahawk*, atracado num canto um tanto escondido do cais principal.

Que estranho ato de Deus, nos levar tão habilidosamente àquele lugar ermo! Ponderei. Com certeza aquele é o *Seahawk*, mas, e o meu tio e a tripulação?

*Estariam a bordo? Eu me perguntava. Estariam vivos?*

Mil e um pensamentos passavam pela minha cabeça, como um vendaval. Corri até a cabine onde Smollett se encontrava deitado numa rede, fumando seu cachimbo. Emocionado contei sobre a minha descoberta ao meu companheiro grisalho.

“Ora, meu rapaz,” exclamou Smollett, “será possível que fomos guiados até seu tio assim tão prontamente? Vamos verificar isso, para termos certeza.”

Smollett foi aos trancos até a popa, pegou sua luneta, e com o flash do próximo relâmpago, para sua surpresa, viu o

*Seahawk* sem tirar nem pôr, como da primeira vez que içou velas para desbravar o mar.

“Mas vejo pois, que”, balbuciou Smollett, “tem uma bandeira diferente da do seu tio hasteada no mastro, e certamente não é o seu vigia noturno.”

“É sem sombra de dúvidas o *Seahawk*, Thomas,” disse Smollett em tom sério. “Mas certamente sofreu um agouro, porque a tripulação que vejo a bordo não é a do seu tio. De posse dele agora estão um bando de patifes, para dizer a verdade!”

“Meu Deus, Smollett!” gritei. “O que vamos fazer? Certamente não estamos prontos para isto!”

“Coragem, Thomas,” disse Smollett, colocando uma mão com firmeza em meu ombro. “Esta noite vamos buscar o Senhor, e certamente Ele nos dirá o que fazer a seguir.” Teria de ser um plano ousado. E ousado foi.



# O PLANO

A tempestade havia cessado sua fúria e as águas haviam acalmado. Na sombra da noite, Smollett e eu pegamos um dos barcos a remo do *Albatross* e fomos rumo ao *Seahawk*. Quando nos aproximamos, entrei sem fazer barulho na água turva e nadei silenciosamente até ficar ao lado do *Seahawk* com um pedaço de corda na mão, e um saco bem fechado de pólvora entre os dentes.

Quando cheguei ao lado do navio de meu tio consegui ouvir os piratas bebendo e se divertindo. Joguei a corda para cima e o gancho nela firmou seguramente na armação. Subi rapidamente pela corda e logo estava para chegar ao convés.

Quando já estava alcançando a armadura do navio, parei, imóvel, visto que dois piratas se encontravam ali de pé, bem acima de mim. Eu me segurei totalmente indefeso na corda enquanto os dois saqueadores se aproximavam a poucos passos de distância da corda que me sustentava. Se me vissem seria o meu fim e também de meu tio. Eles riam e falavam alto, gabando-se de seu despojo.

Meu peito se encheu de raiva daqueles abutres do fundo do meu ser, de tal maneira que levou embora todo o medo que sentia. Eu era um rapaz corajoso e forte. Considerava-me páreo para aqueles dois bêbados. Mas sabia que não ousaria revelar a minha presença, pois não era apenas a minha vida que estava em jogo, mas sim a do meu tio e sua tripulação também. Assim que os dois homens foram embora, subi até o convés do navio tão rápido e quieto como um camundongo de navio.

Fui até à prisão do navio. Lá, como eu suspeitava, encontravam-se o meu tio e a tripulação esperando a sua sina. Fui bem quieto até à cela e sussurrei o nome de meu tio.

“Thomas!” gritou o velho homem estupefato. “É você mesmo, meu rapaz, ou estou sonhando?”

“Sou eu, querido tio, e tenho um plano para libertar o senhor e a tripulação.”

“Como neste mundo de Deus você conseguiu nos encontrar neste fim de mundo?” inquiriu meu tio perplexo.

“Não temos tempo para explicações agora, tio. Vou lhe contar no tempo certo,” respondi, e logo o informei do nosso plano. “Agora, ouça atentamente o plano que vou lhe contar. Pegue esta pólvora e divida entre a tripulação...”

\*\*\*

Pela manhã, o capitão levou nossa embarcação maltratada pela tempestade até ao cais para consertá-la. Nós lhe contamos tudo o que havia acontecido e ele concordou em ajudar. Smollett foi até o cais onde o *Seahawk* estava atracado comigo amarrado e amordaçado. Colocou uma espingarda na minha cabeça e gritou o mais alto que pode e com raiva ao me arrastar até a frente do gangplank to *Seahawk*.

“O homem, responsável por este rapaz, com certeza há de morrer por todo o mal que cometeu contra mim e minha pobre tripulação ignorante do mal que lhe sobrevinha,” gritou Smollett.

O vigia da manhã do *Seahawk* apontou seu mosquete para a cabeça de Smollett e berrou, “Dá o fora, seu maluco, antes que eu mande você e o rapaz para o reino por vir.”

“Você não pensaria em fazer isto se soubesse o que eu sei,” gritou Smollett.

O vigia vacilou por um minuto e então voltou a gritar, “Dá o fora, eu disse, seu velhaco tolo, senão vou acabar com você e o rapaz e dar as suas carcaças de comida para os peixes!”

“Este rapaz jura que faz parte de seu navio.” Disse Smollett enquanto me mandava levantar a camisa, revelando feridas avermelhadas no meu corpo e membros. O semblante do vigia foi lentamente mudando e de raiva passou a um de terror. Ele baixou a arma vagorosamente e começou a gaguejar horrorizado, “A peste!”

Sua voz ficou cada vez mais frenética. “A peste. Maldição de maldições, Deus nos condenou a sofrer desta desonra!”

Ao som daquela gritaria, McGuire e Bartlett foram até o convés onde se encontrava o vigia para ver o porquê de tamanho alvoroço.

“Qual é o seu problema, homem? Você está louco?” berrou McGuire o repreendendo.

“Um lunático maluco, deveras! Porque os homens

a quem fizemos mal trouxeram o mal a todos nós também, pois estão com a peste!”

“Pelos deuses, isto não pode ser verdade!” acrescentou Briggins. “O capitão e a tripulação não têm nenhum sinal da peste. Vá lá embaixo agora, e traga Craig para a tripulação ver, antes de termos um motim a bordo desta embarcação miserável.”

Dois buscaneiros durões foram correndo para baixo e ordenaram rispidamente ao capitão que ficasse de pé. Forçando a vista para conseguir ver naquela luz fraca, o outro homem trouxe uma lanterna e a colocou perto das barras que os prendiam. O semblante dos dois ficou cada vez mais pálido, pois as feridas avermelhadas davam testemunho da verdade: a peste estava a bordo.

A tripulação aguardava as notícias no convés. Mas os dois homens não trouxeram o capitão e seu olhar era de horror. “A peste!” gritaram. “É a peste, e a morte certa. Deus nos ajude a todos!”



Uma insurreição se espalhou feito epidemia. “Não sejam dementes,” gritou McGuire para a tripulação temerosa, mas alguns homens já se lançavam do navio. “Vocês vão virar isca de tubarão no mar.”

“Vamos nos arriscar,” gritou um marinheiro robusto justo antes de se atirar ao mar.

McGuire, Briggins, e Bartlett continuaram gritando, recriminado seus co-conspiradores, e no meio de toda aquela confusão Smollett e eu agimos rapidamente. Nós nos aproveitamos da confusão e corremos para entrar no navio. Peguei a espingarda e com um tiro abri o cadeado libertando meu tio e a tripulação enquanto Smollett deu sinal para os homens do *Albatross*, que estavam escondidos, para subirem a bordo do *Seahawk*.

De volta ao convés, desta vez com a vantagem de estar com várias pessoas, encaramos os três instigadores desta pirataria. Meu tio havia sido solto e agora empunhava um mosquete, radiante cheio de ira de vingança.

“São tão tolos de pensar que iam se livrar do *Seahawk* e que Deus não os puniria? Homens, prendam esses três e os levem lá para baixo. Vão responder pelos seus crimes, isto com certeza.”

Não precisamos fazer justiça com as nossas próprias mãos, pois entregamos os homens nas mãos da lei ao voltarmos para casa, e foram punidos como mereciam.

Fomos recebidos como heróis ao chegarmos em nossa cidade, mas eu só queria ver um rosto: O lindo rosto de Frances Lox, o qual encontrei, e a fiz minha esposa.

Smollett tomou o posto de primeiro marinheiro do *Seahawk*, e eu provei que podia ser marinheiro. Sempre amei o mar, mas com uma boa recompensa de meu tio e a mão de Frances Lox, voltei para a fazenda da minha família e, por minha vez, formei uma família.

Acabou que o Tio Joseph Craig era realmente o avarento que todos criam que ele era. Mas o velho homem teve uma grande mudança de coração depois deste episódio, de modo que parecia outra pessoa, fora o fato de ter o mesmo semblante, pois o seu coração mudou. Ele deu de sua fortuna para viúvas e órfãos, e aos pobres e necessitados, de modo que ficou bastante conhecido como um homem generoso e bondoso.

A Sra. Lox pode cuidar bem de seus pequenos depois que o tio lhe presenteou um saco de moedas de ouro. E esta história foi contada de geração a geração, por todo o canto.



E, ah, imagino que deve estar se perguntando como fizemos aquelas feridas que pareciam a peste. Ora, com a pólvora que levei naquela noite que fui a bordo do *Seahawk*, cada homem da tripulação colocou um pouco em sua pele, cerrou o dente e tacou fogo. Esta aventura impressionante passou a fazer parte da lista de histórias do bom Smollett.

E a este lindo final devo acrescentar à história a sua moral:

Não há limites para o que se pode fazer com uma perspectiva positiva, fé e confiança no nosso pai Celestial.

E assim nossa história, tão triste,  
Termina com um final feliz de verdade.

O *Seahawk* foi salvo

Por homens bons e corajosos;  
Heróis perante Deus e a humanidade.

O bom Smollett recebeu uma boa quantia,  
E a tripulação era o assunto da cidade.

E Thomas, o rapazinho,  
Nunca teria escolhido  
Uma recompensa melhor naquela idade.

O *Seahawk* voltou seguro ao cais da cidade.  
Thomas começou uma nova vida,  
Voltou a estar com seu tio,

E casou-se com a linda Frances Lox,  
Que passou a ser sua esposa querida.

E quando envelheceram e partiram  
Para encontrarem-se no grande eterno além,  
A tristeza de outrora  
Já não havia mais,  
Na terra em que não morre ninguém.

Pois seu pai e sua mãe o saudaram,  
Quando ele chegou ao céu;  
Foi então que soube, com certeza,  
Que a promessa de Deus é verdadeira,  
Encontraremos nossos amados além do véu.

O fim